

CPI investiga denúncias contra a Funai

RENATA GIRALDI

BRASÍLIA – A Fundação Nacional do Índio (Funai), criada há 35 anos para amparar e desenvolver políticas direcionadas às 215 etnias do país, virou foco das atenções nos últimos dias com a demissão do sertanista que ajudou idealizá-la, Orlando Villas Bôas, em meio a críticas históricas. Desde maio, funciona na Câmara a CPI da Funai que pretende investigar as denúncias que cercam a entidade e definir a sua descentralização administrativa.


A Funai passou por 25 presidentes e conseguiu reunir cerca de 5 mil funcionários, incluindo os cargos comissionados. Um dos problemas permanentes é a redução do orçamento: para este ano estavam destinados R\$ 77 milhões. No entanto, os cortes reduziram a verba para aproximadamente R\$ 35 milhões. Números que aparecem cercados por denúncias, que vão desde malversação de verbas, passando pelos conflitos entre índios e fazendeiros até a discriminação em relação a determinadas etnias.

Mudanças – “É necessário descentralizar a administração da Funai e modificar a lei que trata o índio como uma criança, isento de punição”, afirmou o relator da CPI, deputado Antônio Feijão (PSDB-AP). Na sua opinião, o ideal seria administrar a Fundação por meio de um conse-

lho pluriétnico (com representantes das etnias cuja sociedade tenha maior número de membros) e pluriministerial (dos ministérios da Justiça, Educação, Saúde, Fazenda e Planejamento).

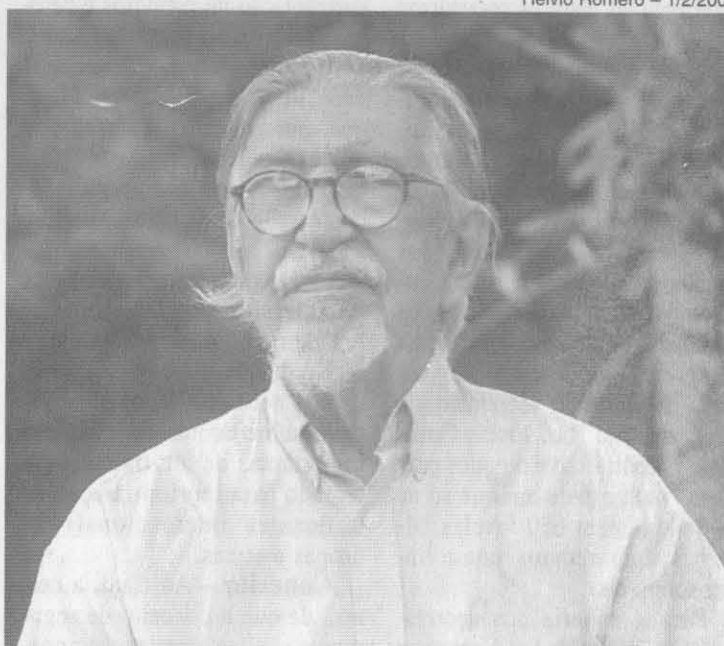
Problemas – De acordo com a Funai há aproximadamente 325 mil índios no país, que representam 215 etnias e falam 175 línguas diferentes. Eles ocupam 561 áreas, o equivalente a 11% do território nacional. Porém 147 delas ainda não foram delimitadas. Em geral, apesar das diferenças, vivem problemas semelhantes. As maiores dificuldades são as invasões e as tentativas de exploração econômica de suas terras por fazendeiros, posseiros, madeiros e garimpeiros. Também reclamam da forma como estão sendo tratadas as doenças, principalmente a tuberculose. O assunto agora está a cargo da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) e não mais da Funai.

Mas para o sertanista Orlando Villas Bôas e um grupo de antropólogos, há um outro grave problema que é a situação dos chamados índios urbanos, aqueles que abandonaram suas aldeias e passaram a viver nas cidades. Mas com a falta de oportunidades de emprego e o choque cultural acabam partindo para a indigência e o vício. Em Minas Gerais, a maioria dos índios maxacari é alcoólatra. E no Mato Grosso do Sul, há tribos com muitos casos de suicídio.

INSTITUTO	
	Documentação
OCIOAMBIENTAL	JB
Fonte	
Data	6/2/2000 Pg 12
Class.	PINR 2122

J.França - 2/2/2000

Helvio Romero - 1/2/2000



Carlos Frederico Marés, que demitiu o sertanista Orlando Villas Bôas, já foi até avisado que ocupa um cadeira 'envenenada'

Um passado que preocupa

BRASÍLIA - O polêmico presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Carlos Frederico Marés de Souza Filho, que demitiu via fax o sertanista Orlando Villas Bôas, de 86 anos, sucedeu a 24 dirigentes da instituição que protagonizaram situações controversas, algumas trágicas e outras irônicas. Dois foram atacados por índios (Júlio Gaiger e Márcio Santilli), sendo que Santilli foi praticamente deposto pelos xavantes. Em 1985,

Ayrton Carneiro de Almeida ficou apenas um dia no cargo. Já o goiano Sullivan Silvestre morreu em um acidente aéreo. Antes de demitir Villas Bôas, Marés ouviu do cacique Juruna que precisava tomar cuidado porque na cadeira que passaria a ocupar tinha veneno. Por via das dúvidas, o presidente da Funai tem preferido despachar na mesa ao lado da principal, longe da cadeira.

Marés, que decidiu manter

distância dos chamados antigos indigenistas, ligados a Villas Bôas, elegeu como prioridades as negociações em busca do fim dos conflitos entre os caiuíá, no Mato Grosso do Sul, e os xucuri-cariri, no Norte da Bahia. Também se comprometeu a resolver as divergências em torno das terras de Raposa-Terra do Sul, em Roraima. Em acordo com o Ministério da Saúde, vai instalar um posto permanente de vacinação na sede da Funai em

Brasília para imunização contra o vírus da febre amarela.

Apesar das boas intenções, terá de superar o mal-estar causado por sua decisão de demitir Villas Bôas. Depois de ficar um ano na presidência da Funai, Márcio Santilli (amigo pessoal de Marés) apanhou e foi deposto por um grupo de índios xavantes e o seu sucessor, Júlio Gaiger, foi cercado pelos por xavantes que reivindicavam uma série de direitos. (R.G)

Class.	Fonte	OCIOAMBIENTAL	INSTITUTO
Data	6/2/2000	JB	Documentação
Pg	12	cent.	